



Lê, só para ti, os 2 textos que se seguem, devagar, com muita atenção, saboreando cada palavra, cada frase, e procurando compreender o sentido do que lês. Até podes voltar atrás, se a compreensão do que leste te escapou.

I

Chove pouco, cada vez menos; chove tarde, fora da época em que era habitual. Mas chove, finalmente.

Dependendo do local onde cai, o som da chuva provoca efeitos contrários na paisagem. Nos bosques o aguaceiro faz calar todas as outras vozes. Calam os gaios; calam os persistentes piscos-de-peito-ruivo; calam todas as aves da floresta. Com uma exceção: as gralhas só

fazem o que querem.



Pisco de Peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)

Na terra e nas calçadas, nas praças de pedra onde ecoam os sinos, a chuva tem voz própria, chapinha nas lajes, escorre com um som oco pelas caleiras.

Mas lá fora, nos campos, o temporal enfurece-se e a paisagem inunda-se. Lagoas e sapais, ressequidos e gretados, transformam-se primeiro em lodaçais, alagam-se depois. E a paisagem sonora, quase sempre silenciosa, enche-se de

gritos, grasnidos e gorjeios. As aves aquáticas amam perdidamente a água. Com as chuvas chegam os grous; talvez já andassem por aqui há algum tempo mas, a partir de agora, contam-se aos milhares.

Atrás destas surgem os bandos de gansos, audíveis a quilómetros de distância. E com eles os patos-bravos, os patos-de-bico-vermelho, as frisadas, as piadeiras, as marrequinhas e todas as outras espécies da tribo dos patos. Os galeirões esparrinham e correm sobre as águas recém-caídas.

As chuvas de outono são o aviso. As aves-frias a confirmação. E estas aves queixosas, com o mau tempo inscrito no nome, anunciam a chegada do inverno.

Chove mas não está frio. De vez em quando caem aguaceiros, como é costume na primavera que está quase a chegar.

Nos intervalos entre uma bátega e a seguinte, a paisagem anima-se com os chamamentos das aves, impacientes pelo fim do inverno.

Várias cegonhas aguentam estoicamente a chuvada sobre os seus ninhos, no campanário da igreja das Naves de Riofrio, no sopé da Serra da Mulher Morta, em Segóvia. Ao longo dos muitos anos os ninhos uniram-se e formam um montão de lenha que cobre quase por completo o telhado. As silhuetas das cegonhas recortam-se contra o céu. Só a veleta é mais alta do que elas.

Sob as cegonhas, literalmente entre as suas patas, nos vazios abertos entre os gravetos, os pardais sentem-se protegidos da chuva.

Outra cegonha chega voando e começa o seu ritual de saudações: o “claquetear” com o bico, os pescoços dobrados, a cabeça atirada para trás...Mas o tempo não está para cerimónias e rapidamente se silenciam.

Parece que escampa. A nuvem escura que descarregou retira-se, o céu encoberto torna-se um pouco menos cinzento, a tarde abre-se e, imediatamente, como em resposta a um aviso, o campo ao redor da povoação anima-se. Nos cedros que rodeiam a torre, nos freixiais e nos azinhais que se estendem ainda mais para lá, as aves que permaneciam na expectativa desatam a cantar. Em primeiro, lá longe, um melro com a sua sinfonia líquida e poderosa. Ainda mais longe, quase à vez, começa um tordo: os seus cantos dos mais melódicos dos nossos bosques harmonizam juntos.

No mesmo campanário também há pressa para reiniciar a actividade. Arrulham e esvoaçam os pombos bravos, prestes a procriar. Gingam freneticamente os estorninhos pretos. Uma gralha-de-bico-vermelho sai disparada dos ocos abertos nos muros; o esgarçar do seu canto soa como se levasse o eco dentro do bico.

Começa a escurecer, mas nem assim os ocupantes do campanário se calam. As cegonhas “claqueteiam” de novo, mas agora só brevemente. A nuvem cinzenta começa a fechar-se, o céu cobre-se e volta a chover. A calma durou pouco mais de 5 minutos.

As cegonhas, de novo estoicamente, e com elas as pombas, a gralha, os estorninhos e o melro aguentam a chuvada.

Só o tordo, demasiado impaciente com a iminência da primavera, continua a cantar debaixo de chuva.



Rouxinol (*Cettia cetti*)



Abibe ou Ave Fria (*Vanellus vanellus*)

Atividades:

- 1 a) O que têm de comum os dois textos, quanto ao conteúdo?
- 1 b) Dá um título a cada um deles.
2. Nos dois textos, há momentos de festa, através do canto das aves e momentos de silêncio. Estes diferentes momentos coincidem com diferentes manifestações da natureza, do ambiente. Justifica esta afirmação.
3. Segundo o seu habitat, o comportamento das aves é mais ou menos expressivo. No texto 1, há um parágrafo em que as aves se manifestam mais ruidosamente.
 - 3 a) Porquê?
 - 3 b) Identifica esse habitat.
 - 3 c) Se quiseres, podes expor, oralmente, ou por escrito, tudo o que sabes sobre ele.
4. Há duas aves, uma em cada um dos textos, que se comportam de maneira “muito independente”, não acompanhando totalmente o procedimento das outras aves. Identifica-as.
5. Reparaste como o autor nos faz “ver” e “ouvir” aquilo que observa. Nota-se a sua preocupação com a construção das frases que, algumas vezes, fogem à estrutura normal (1º sujeito, 2º predicado, 3º complementos).

Exemplos:

“ Na terra e nas calçadas, nas praças..., a chuva tem voz própria” (texto 1, 3º parágrafo); “Nos intervalos entre uma bátega e a seguinte, a paisagem anima-se...” (texto 2, 2º parág.)

A repetição da mesma forma verbal, na mesma frase, no mesmo parágrafo, reforça o que nos é transmitido.

Exemplo:

“ **Calam** os gaios, **calam** os persistentes piscos-de-peito-ruivo, **calam** todas as aves da floresta” (texto 1, 1º parág.);

Também se nota a preocupação do autor com o vocabulário empregue, com a sua musicalidade.

Repara no valor sugestivo dos vocábulos a cor, nas seguintes frases:

“... a chuva... **chapinha** nas lajes, **escorre...**” (texto 1, 3º parág.); “Os galeirões **esparrinham...**” (texto 1, 5º parág.); “... o **claquetear** com o bico...” (texto 2, 5º parág.)

5. a) Procura tu, nos dois textos, mais alguns vocábulos com algum valor sugestivo.

5. b) No texto 2, qual o significado das seguintes palavras: **veleta** (3º parág.), **escampa** (6º parág.). Podes consultar o dicionário.

6. Estás perante 2 textos em prosa. Prosa, na sua forma, mas poesia, na sua essência, na sua função, nos sentimentos que transmite. Podemos considerar que se trata de prosa poética.

Afastando-se do banal, além do especial cuidado com a estrutura da frase e a escolha do vocabulário, como já verificámos, também o autor se serviu de alguns recursos expressivos, quer a nível fónico (dos sons), quer a nível sintáctico (da sintaxe), quer a nível semântico (do sentido).

Vejamos alguns exemplos:

Repetição intencional dos mesmos sons consonânticos: “...**g**ritos, **g**rasnidos e **g**orgeios.” (texto 1, 4º parág.)

Omissão de uma palavra ou mais que se subentende(m) com maior ou menor facilidade: “as aves-frias a confirmação.” (texto 1, último parág.)

Atribuição de características humanas a animais, coisas ou ideias: “...o temporal enfurece-se...” (texto 1, 4º parág.)

6.a) Procura nos textos mais exemplos de recursos expressivos (aliteração, personificação, adjectivação expressiva...)

7. Agora que conheces melhor os textos, podes lê-los, em voz alta, para os teus colegas ou professor(a).